

CRESCIMENTO ECONÔMICO GLOBAL TÊNUE URGE REFORMAS E INVESTIMENTOS NA EXPANSÃO DOS NEGÓCIOS FLORESTAIS

De modo geral, o cenário de incertezas referentes à recuperação de importantes economias mundiais, assim como o agravamento da situação de outras regiões e países, ainda é presente no contexto mundial. Neste cenário, a conjuntura do **Centro de Inteligência em Florestas (CI Florestas)** do mês de outubro de 2012 procura contextualizar esses movimentos e suas possíveis influências nos vários segmentos florestais.

Segmento de Celulose e Papel

Com as incertezas econômicas globais, as empresas brasileiras do segmento de papel e celulose estão revendo os seus projetos de expansão. A Suzano, por exemplo, adiou a construção da fábrica no Piauí - de 2014 para 2016 -, assim como a planta do Maranhão - do primeiro semestre de 2013 para o segundo semestre do mesmo ano. Já a expansão da Veracel, *joint venture* entre a Fibria e a Stora Enso, tinha a perspectiva de ser realizada entre 2011 e 2012. Este projeto não tem mais prazo definido.

Os preços da celulose estão mais baixos em relação a 2010 e 2011 quando atingiram, respectivamente, US\$ 950/t e US\$ 855/t, conforme Quadro 1.

Quadro 1 – Preço da celulose e do papel, em 2012

Período	Preço da celulose fibra curta em SP (US\$/t)	Preço do papel A4 em SP (R\$/t)
Jul./2012	776,79	3.192,45
Ago./2012	771,40	3.192,45
Set./2012	766,86	3.206,89
Out./2012	754,90	3.206,89

Fonte: Informativo CEPEA-Setor florestal (vários números).

As exportações brasileiras de celulose alcançaram 663 mil toneladas em agosto deste ano, de acordo com dados da Associação Brasileira de Celulose e Papel (BRACELPA). O volume é 15,5% inferior ao registrado em agosto de 2011 e 4,5% menor do que julho deste ano. Por outro lado, a China está com estoques mais baixos e voltou a comprar celulose brasileira. Assim, a perspectiva para os preços da celulose até o fim do ano é de estabilidade com viés de alta.

Além disso, o real mais fraco é um fator favorável para o segmento no Brasil, pois reduz as importações de papel e estimula as exportações de celulose.

Este quadro sugere novas medidas de estímulo à indústria, especialmente à de perfil exportador. “É preciso desonerar o investimento. O governo precisa renovar o Reintegra (parte do programa Brasil Maior e que prevê a devolução de imposto a exportadores) no próximo ano, incluindo a celulose”, afirmou Elizabeth de Carvalhaes, presidente da Associação Brasileira de Celulose e Papel (Bracelpa).

José Gertrudes Soares, diretor comercial de papéis kraft da Klabin, alerta para a falta de investimentos em projetos que contemplem a produção de celulose de fibra longa, utilizada nos papéis para embalagens. Segundo ele, a atual capacidade só será suficiente para atender à demanda nos próximos cinco anos. “Praticamente todos os grandes projetos anunciados no Brasil contemplem a produção de celulose de fibra curta branqueada. Por isso, a indústria de papel kraft está tendo que rever seu modelo de negócios e reciclar muito mais”, justificou Soares, ao destacar que o País precisa investir em ativos florestais de pinus.

Segmento de Madeira Processada

Em setembro deste ano, as exportações de madeira e derivados foram de US\$141,53 milhões, representando uma redução de 14,5% em relação ao mês anterior. Já as importações de setembro foram de US\$14,01 milhões, queda de 0,4% em relação ao mês anterior, indicando uma redução das atividades do setor. Também, no acumulado, verifica-se que os valores de exportação e importação de 2012 estão mais modestos que os do ano anterior - de janeiro a setembro de 2012, as exportações totalizaram US\$1.408,43 milhões, apresentando uma pequena redução de 0,8% quando comparado ao mesmo período do ano passado, podendo ser explicada pela redução do comércio mundial. As importações de janeiro a setembro de 2012 totalizaram US\$123,79 milhões e foram 5,1% inferiores ao mesmo período de 2011, podendo ser explicada pela redução da atividade econômica do Brasil. Este ano, o saldo acumulado da balança comercial até setembro é de US\$1.284,64 milhões, apenas 0,3% menor que igual período do ano passado. Portanto, apesar da ligeira redução da atividade, a balança comercial do segmento continua proporcionando superavit para o país (Quadro 2).

Quadro 2 – Balança comercial brasileira para madeira e derivados (capítulo 44) de janeiro a setembro de 2011 e 2012, em 1000 US\$

Mês	2012			2011			Variação (%)		
	Exp	Imp	Saldo	Exp	Imp	Saldo	Exp	Imp	Saldo
JAN	134.418	16.686	117.732	138.946	10.651	128.295	-3,3	56,7	-8,2
FEV	153.952	12.331	141.621	151.265	13.310	137.954	1,8	-7,4	2,7
MAR	183.004	16.275	166.729	173.645	13.110	160.535	5,4	24,1	3,9
ABR	155.764	10.721	145.043	150.836	13.292	137.545	3,3	-19,3	5,5
MAI	163.124	13.694	149.430	175.258	14.930	160.328	-6,9	-8,3	-6,8
JUN	152.732	12.058	140.674	164.813	14.045	150.768	-7,3	-14,1	-6,7
JUL	158.419	13.959	144.460	142.604	14.092	128.512	11,1	-0,9	12,4
AGO	165.488	14.064	151.424	166.473	19.933	146.541	-0,6	-29,4	3,3
SET	141.535	14.008	127.527	155.263	17.067	138.196	-8,8	-17,9	-7,7
Acumulado	1.408.436	123.796	1.284.640	1.419.104	130.430	1.288.674	-0,8	-5,1	-0,3

Fonte: MDIC (2012), elaborado pelos autores.

A crise internacional, o custo Brasil e a fiscalização têm contribuído para o fechamento de empresas do setor, especialmente em determinadas regiões, a exemplo do que vem ocorrendo no Mato Grosso.

A competitividade, a inovação e as fusões de empresas são um dos caminhos para contornar a crise no setor que parece estar longe de terminar.

Produtos Florestais Não-Madeireiros

Nos últimos meses, observou-se a redução dos preços de várias *commodities* devido ao momento frágil da economia mundial. Os preços internos da borracha natural têm apresentado, desde o início do ano, tendência de queda provocada pela redução nos preços internacionais, fatores climáticos, nível da atividade industrial e constante queda nos preços do barril do petróleo.

Assim, em uma decisão tomada pelo Conselho Internacional Tripartite da Borracha, sediado em Bangkok, representantes da Tailândia, Indonésia e Malásia, os três principais produtores mundiais de borracha natural, estão tentando segurar o fornecimento e manter a oferta restrita ao queimar seringais velhos.

Com isso, os preços futuros de borracha na Bolsa de Commodities de Tóquio já chegaram a 9% acima da cotação mais baixa dos últimos três anos, segundo reportagem do jornal Valor Econômico, desde o anúncio da ação – o que afetará vários setores, principalmente os de pneus e luvas cirúrgicas.

Em São Paulo, já se observa uma pequena recuperação nos preços médios do coágulo em comparação com os meses de janeiro (R\$2,86 /kg) e de fevereiro (R\$2,75/kg) desse ano. O mesmo pode ser observado com os preços do palmito e da resina de pinus (Quadro 3).

Quadro 3 – Preço de produtos florestais não madeireiros

Período	Borracha natural - SP (R\$/kg)	Palmito – ES (R\$/kg)	Palmito - SP (R\$/kg)	Resina de pinus (R\$/t.)
06/2012	3,15	0,83	10,84	1.228
07/2012	3,05	0,83	11,6	1.214
08/2012	2,64	1,00	11,3	-

Fonte: IEA (2012), ARESB (2012), CEASA-ES (2012), APABOR (2012).

Acredita-se que o mercado desses produtos seja promissor, uma vez que o cultivo desses tem se mostrado uma alternativa econômica viável para os produtores rurais. Além disso, atualmente, o governo tem atuado em conjunto com institutos de pesquisa e associações para incentivar a expansão dessas culturas no país. Este é o caso da Secretaria da Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e Pesca (Seag) e do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper), que incentivam a expansão da heveicultura nos diversos municípios, por meio do Programa de Expansão da Heveicultura Capixaba (Probores). O Probores visa aumentar o número atual de 15 mil hectares de seringueiras plantadas para 75 mil hectares em 2025, meta estabelecida no Plano Estratégico de Desenvolvimento da Agricultura Capixaba (Pedeag).

Segmento Moveleiro

O setor moveleiro, neste terceiro trimestre de 2012 – julho, agosto e setembro - teve um desempenho relativamente bom, ainda que diante de um cenário econômico global incerto.

O setor reagiu positivamente às medidas econômicas de estímulo ao consumo do governo federal, dentre outras, à redução do IPI e da taxa básica de juros.

A redução da atividade econômica no mundo tem provocado redução no consumo em geral. No Brasil, a queda, particularmente da atividade industrial, ao longo de 2012, embora tenha provocado desemprego acentuado, não provocou, no entanto, queda no consumo, na intensidade que se previa ocorrer. O aumento da renda do trabalhador, principalmente devido ao crescimento do setor de serviços, somado aos estímulos econômicos, permitiram que as compras de móveis, dentre outros bens, não perdessem fôlego.

As exportações de móveis, a exemplo do que tem ocorrido com o consumo interno, mesmo em face de um quadro econômico mundial pessimista, tiveram resultados também relativamente satisfatórios, ainda que declinantes. A estabilização do câmbio e a expansão de mercados não tradicionais teriam colaborado para a performance das mesmas.

No acumulado, de janeiro a setembro de 2012, o Brasil exportou, aproximadamente, US\$322 milhões em móveis, valor este 6% menor do que o ocorrido no mesmo período em 2011 (US\$340 milhões), e 17% menor ao obtido, no mesmo período, em 2010 (US\$389 milhões). Nitidamente, observa-se declínio consistente nas exportações, mês a mês, à exceção do mês de agosto, quando houve um crescimento positivo (2,4%) em relação ao ano de 2011. O país continua em 2012 mostrando um interesse crescente por importações de móveis. De janeiro a setembro de 2012, essas somaram US\$19 milhões, aproximadamente, sendo 83% maiores do que aquelas ocorridas em 2011 (US\$10 milhões) e 204% maiores do que as ocorridas em 2010 (US\$6 milhões), aproximadamente (Quadro 4). É evidente os reflexos da queda da atividade econômica sobre o nível geral de compras da população em geral, principalmente dos importados. A valorização da moeda americana, encarecendo o produto importado, também ajuda a explicar parte da queda verificada no valor e volume desses pelos brasileiros.

Quadro 4 - Exportações e Importações Totais de Móveis. Jan.set.2010/2011/2012 (1000US\$ FOB)

Meses	Exportações Totais			Variação		Importações Totais			Variação	
	2010	2011	2012	2012/10	2012/11	2010	2011	2012	2012/10	2012/11
Jan.	31.377	29.297	27.620	-12%	-6%	236	837	1.500	535%	79%
Fev.	40.670	37.020	33.067	-19%	-11%	709	991	1.922	171%	94%
Mar.	47.249	39.407	35.463	-25%	-10%	840	1386	2.997	257%	116%
Abr.	44.017	35.796	32.385	-26%	-9,5%	432	533	1.040	140%	95%
Mai	48.201	40.410	38.773	-20%	-4,0%	578	1.008	2.882	398%	185%
Jun.	42.312	41.611	36.281	-14%	-13%	575	1.069	1.651	187%	54%
Jul.	46.102	38.494	37.196	-16%	-19%	628	1.200	1.613	156%	34%
Ago.	44.229	40.746	45.289	-8%	2,4%	943	2.016	2.088	121%	4%
Set.	45.100	37.224	35.374	-18%	-22%	1.251	1.233	3.128	150%	153%
Total	389.257	340.005	321.448	-17%	-6%	6192	10.273	18.821	204%	83%

Fonte: MDCI Elaborada pelos autores

Dados recentes mostram reversão na desaceleração do crescimento da economia no país, principalmente da atividade industrial que voltou a crescer vigorosamente. A expectativa é que até o fim do ano, a economia comece a ter resultados mais consistentes e efetivos, trazendo de volta maior otimismo para os consumidores e empresários.

Equipe Técnica do Centro de Inteligência em Florestas

Naisy Silva Soares – Economista, D.Sc. Ciência Florestal

Alberto Martins Rezende – Eng. Agrônomo, M.Sc. Economia Rural

Márcio Lopes da Silva – Eng. Florestal, D.Sc. Ciência Florestal

Altair Dias de Moura – Eng. Agrônomo, PhD. Agribusiness Management

* Permitida a reprodução desde que citada a fonte.